

ROBERT BROWN

## OPINIÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURANÇA

---

Três coisas exercem actualmente uma influência considerável sobre a opinião pública.

Primeiro, a profunda recessão e a conseqüente miséria do desemprego para mais de três milhões de compatriotas meus. A este total deve acrescentar-se pelo menos um número igual, e possivelmente mais, dos que vivem ameaçados de desemprego. Cada um e todos eles se interrogam decerto se poderemos permitir-nos dispendir somas tão altas com a defesa.

Segundo, o grande debate nuclear que está agora a ser realmente orquestrado pelos cordões multinacionais das campanhas pelo desarmamento nuclear através da Europa e certamente por todo o mundo. Não há dúvida de que a geração que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial acabou por aceitar a fissão nuclear como qualquer coisa com a qual podemos viver. Muitos desses sentiram-se aliviados quando o horrível desenvolvimento da bomba permitiu por fim pôr termo ao holocausto dos anos '40 e garantiu um futuro de paz.

Terceiro, e mais importante, é a nova geração que, muito clara e acertadamente, coloca a questão: que nos promete o futuro? Teremos futuro, com despesas em armamento à média actual e com a corrida entre as superpotências no campo nuclear? Seria preciso ser muito ingénuo para não reconhecer que os receios e a apreensão da geração actual se espalhou também amplamente entre a geração da Segunda Guerra Mundial.

Sintetizando a opinião pública, tem que se reconhecer que a maior parte da nossa população receia genuinamente o futuro; existe uma minoria pacifista, posição perfeitamente honrada, e, ainda, uma minoria que, não perfilhando qualquer convicção pacifista, está disposta a deixar-nos indefesos perante a ameaça de conquista por forças alheias aos nossos ideais democráticos.

Estou certo que os socialistas democráticos estão perfeitamente convencidos da necessidade do desarmamento como um fim mas, infelizmente, estamos longe de estar de acordo nos meios de chegar a esse fim. O cínico pode citar com muita facilidade o chefe dos EUA como sendo um homem que acredita na paz mas está preparado

para esmigalhar as pessoas que divergem dele, o que facilmente se aplica ao chefe da URSS.

O sempre crescente arsenal de armas nucleares no mundo deve horrorizar qualquer ser pensante e a procura de garantias de que o seu uso jamais terá lugar deve ser necessariamente o objectivo número um de toda a humanidade.

A capacidade de destruir e voltar a destruir este planeta já existe.

Hiroshima ainda enche as pessoas de terror e eis-nos hoje com bombas de 20 megatoneladas com um poder mil vezes maior do que o da bomba que devastou aquela cidade.

Apesar da enormidade de stocks que já temos em termos de destruição mútua, continuamos a ser um planeta que gasta um milhão de dólares por cada minuto do dia em armas de guerra, enquanto dois terços da população mundial vive com fome e na miséria e aqui na Europa, uma parte do mundo mais privilegiada, temos demasiados milhões de pessoas sofrendo as devastações da pobreza no abandono das nossas cidades interiores e de outras regiões. É impossível não ficar angustiado pelo facto de continuarmos a fazer armas tão terríveis, já sem falar das tentativas de criação de versões mais modernas e obscenas da arma nuclear.

Nenhuma nação europeia pode hoje defender-se isoladamente — a defesa colectiva é pois o único caminho. A NATO tem sido nos últimos 30 anos a trave-mestra da defesa da Europa Ocidental e deve continuar a sê-lo.

O desequilíbrio entre a NATO e o Pacto de Varsóvia é um facto da vida com o qual temos vivido desde há alguns anos. O Pacto de Varsóvia tem a superioridade sobre a NATO da seguinte forma:

- Aviação táctica na Europa: 2 para 1;
- Divisões: 2,3 para 1;
- Tanques: 2,5 para 1;
- Armas: 3 para 1.

Ninguém seria suficientemente louco para sugerir que nós, na NATO, deveríamos disputar a paridade absoluta em armas convencionais. A economia ocidental jamais aguentaria tal proposta. Então porquê um raciocínio diferente no campo nuclear? O desequilíbrio existente representa na realidade a força da NATO dado que é evidente que a NATO não é nem nunca poderia ser uma aliança ofensiva.

A instalação dos SS-20 soviéticos é algo que nos preocupa a todos, mas isso é apenas mais uma razão para a urgência de conversações entre as duas superpotências, antes de falarmos em instalarmos mísseis de cruzeiro. Muitos meses preciosos já passaram — temos ainda dois anos para mostrarmos realmente a nossa determinação, que não estamos dispostos como europeus, a ver a continuação

de um silêncio amuado. O futuro exige que se atribua importância primordial a conversações significativas, exige-o o futuro da humanidade. Então, e só então, poderemos falar em termos de reduções de forças mútuas e equilibradas sem as quais a prosperidade futura de todos os nossos povos estará ameaçada.

O buraco da recessão transformar-se-á num poço sem fundo a menos que consigamos iniciar, através da confiança mútua, o processo de utilização dos recursos mundiais para planejar um futuro melhor em paz uns com os outros.